

## **É dinheiro público a suportar o luxo**

*Novo Jornal*

*5 de Novembro de 2010*

*Acha que a proliferação de condomínios está a ajudar a encontrar ou definir a classe média no país?*

É visível que os habitantes dos nossos condomínios são, em regra, pessoas de classe média. Serão funcionários públicos de grau médio ou mesmo superior, serão empresários mais ou menos bem sucedidos, serão executivos de empresas médias ou de grande dimensão, profissionais liberais, técnicos qualificados? Uma parte da classe política também se vai acomodando nos condomínios. É evidente que nem toda a classe média tem

gosto pelos condomínios.

Quem seja mais exigente ou mais sofisticado e não adira a esse modelo

de habitação que se caracteriza pela uniformização.

Por isso, optam por outro tipo de moradia,

por casas construídas a seu gosto, sem serem uma réplica da casa do vizinho. Primam,

portanto, por alguma

originalidade.

*Qual é a leitura que faz dos preços praticados pela venda e arrendamento*

*daquelas moradias?*

Não estou muito por dentro dos preços que são praticados, mas vou sabendo que, nalguns casos, os condomínios são postos à disposição de trabalhadores de grandes empresas que os mandam construir, depois entregam as habitações aos seus funcionários, estabelecendo com eles modalidades de amortização da dívida no longo prazo e em função do montante dos seus salários.

**São preços de luxo...**

Ouçó dizer que os preços praticados

são proibitivos, são

demasiado elevados. Penso, porém, que com o aumento

-da concorrência, os preços irão diminuir e estabilizar

um níveis mais aceitáveis. Caso contrário, esse mercado

irá falir. Julgo ainda que, num futuro não muito distante,

estabelecer-se-ão até modalidades mais suaves de

pagamento. O mercado encarregar-se-á de ajustar tudo

isso. E só não o fez ainda, porque, neste país, há muito

dinheiro a correr sem controlo. Não nos esqueçamos que

alguns dos custos das moradias são depois repassados

para o Estado. Na prática, é o Estado a suportar algum

desse relativo luxo. *Verifica-se a compra e venda de moradias que ainda não*

*estão erguidas sequer. Até que ponto isto é certo?*

Ainda há muito dinheiro por aí. É dinheiro do Estado,

em determinados casos. É dinheiro das empresas,  
noutros casos. É dinheiro dos próprios,  
sob a forma de rendimentos futuros que ficam comprometidos no presente.  
Muitas dessas pessoas terão dificuldade em encontrar  
Outras opções, porque já estão endividados  
Para toda a vida através das amortizações a que estão obrigados.  
Por norma, a classe média está sempre endividada,  
vive para pagar a dívida.

*Como é que o Estado interviria no sentido de controlar  
as especulações de preços destas moradias em condomínio  
fechado? Só há uma forma de controlar a especulação:  
abrir o mercado, estimular a competição, tornar os negócios  
mais transparentes, reduzir o impacto  
da burocracia. Concorda com a ideia de que os condomínios configuram  
uma forma de exclusão social?*

Realmente. Segrega as pessoas. Padroniza  
os comportamentos. Retira a possibilidade de um contacto mais  
directo com a outra parte da sociedade.

As pessoas saem de manhã, ainda  
de madrugada, no escuro. Depois  
entram nos seus automóveis, olham uns para os outros  
(ainda está noite). Caminham para os seus empregos,  
em filas intermináveis. E depois, novamente  
de noite, lá  
estão eles de regresso ao seu gueto de betão (novamente  
em filas intermináveis). Encafua-se em casa, vencidos  
por um dia estafante. Não convivem entre 51 – são praticamente  
estranhos ao vizinho do lado. Cada casa é um  
mundo à parte, com os seus dramas, as suas dificuldades,  
as suas lutas para sobreviverem nesta selva urbana. A  
nossa classe média tende a ser uma classe de gente triste,  
que vive um dia-a-dia repetitivo e sem estímulo.

*Como assim?*

Esse modo de vida vai gerar comportamentos  
específicos,  
e muitas vezes até doenças estranhas do foro psicológico.  
As crianças que estão a ser criadas nessas condições terão  
dificuldade de socializarem. Se não fosse a escola, elas  
ficariam isoladas do mundo, ficariam apenas entregues  
ao computador e à solidão, porque  
os pais passam mais  
de metade do tempo longe deles. E, quando regressam,  
não têm tempo nem disposição  
para eles, muito menos  
para si próprio. Os casais quase que se cruzam em casa,  
e já extenuados.

**“É uma forma de exclusão social”**

A PROLIFERAÇÃO de construções de condomínios  
fechados constitui uma forma de exclusão social.

Segundo

o psicólogo Carlinhos Zassala,  
esta prática a

não ser travada poderá trazer consequências no seio dos  
angolanos.

“Tanto a psicologia social como a antropologia cultural

estudam a produção humana e o seu impacto no factor sociocultural de cada povo. Hora o sistema de condomínio fechados e prédios não se adaptam à realidade

do africano, porque tendo em conta a sua vida de solidariedade, tem preferência em viver numa casa rés-do-chão, onde pode ter um quintal para poder receber pessoas em casos de problemas famílias, como casamentos, divórcios ou óbitos”, disse o também professor universitário.

“Repare que os que estão a aderir aos condomínios fechados, quando têm problemas familiares, como óbito, são obrigados a alugar salão para a realização das celebrações fúnebres e ultimamente está na moda alugar o quintal dos bombeiros para estes eventos. Está a ver as mudanças?”, interrogou-se o psicólogo. Para ele, os preços altos praticados nas vendas das moradias é dos sinais mais visíveis de que este modelo de habitação promove a exclusão social.

“Os preços são tão altos, que nem indivíduos da classe média conseguem comprar aí uma casa. Porque o indivíduo da classe média é aquele que ganha um salário que lhe permita fazer os gastos diários ou correntes e fazer poupanças. Portanto, este modelo de habitação começa por fazer exclusão social a partir já dos preços”, atirou o entrevistado.

“A vida de condomínios fechados corresponde à realidade sociocultural do europeu, onde é cada um por si e Deus por todos, o africano não é assim. O africano privilegia a vida comunitária”, concluiu o entrevistado.